

# economia

## Empresários do Taquari relatam dificuldades

Logística, acesso a crédito e falta de mão de obra são citados como entraves durante a retomada de empreendimentos

/CLIMA

Bárbara Lima

barbaral@jcrs.com.br

Quase três meses após as cheias de maio, que atingiram fortemente o Vale do Taquari, no interior do Rio Grande do Sul, empresários da região ainda enfrentam dificuldades para ter acesso ao crédito liberado pelo governo federal através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), bancos e cooperativas parceiras. A logística das rodovias, também afetada pelas enxurradas, tem causado prejuízos no transporte de produtos. Além disso, empresas começam a sentir falta de mão de obra por êxodo.

De acordo com presidente do Conselho de Administração da Dália Alimentos, Gilberto Antônio Piccinini, as atividades ficaram paralisadas pela falta de energia elétrica, mas voltaram 18 dias após o desastre climático. Ele afirmou à reportagem, no

entanto, que problemas nas rodovias, dificuldades de acesso ao crédito do BNDES e falta de mão de obra são alguns dos gargalos enfrentados na fase atual de retomada. “A queda da ponte da ERS-130 causa transtornos, e a 129, opção em Roca Sales, é de chão batido. Quando chove, fica perigosa, tem muito acidente com as carretas”, contou. Ele explicou que a ERS-332 também é uma opção, mas que tem limitações.

Questionado sobre outras medidas que poderiam ajudar os empresários, entre elas a redução de tributos federais, ele considera que seria uma alternativa para reter recursos nesse momento de fluxo de caixa comprometido, mas reforça que o crédito do BNDES, essencial no momento, ainda não chega à ponta. “O que estamos precisando é desse auxílio do governo, principalmente para capital de giro”, afirmou. Algumas linhas fabris precisaram ser descontinuadas na Dália, mas a maioria das operações conseguiu se restabelecer. Com a retomada,



GUSTAVO GHISLENI/AFP/JC

Vale do Taquari, que sofre com enchentes desde 2023, foi inundado; retomada de atividades tem limitações

a cooperativa enfrenta a falta de mão de obra. “Muitos foram embora, porque estão com medo, porque o aluguel ficou muito caro”. Gilberto conta que a cooperativa não pensa em mudar suas plantas de local, mas que um sistema contra cheias no frigorífico

da cooperativa está sendo estudado conforme houver possibilidade de investimentos.

De Teutônia, também no Vale do Taquari, o empresário Ivandro Rosa lembra que a experiência da região com o governo federal por conta da tragédia de setembro

de ano passado não é boa. “É um trauma. Então fizemos uma pressão grande para o BNDES liberar o recurso. Objetivamente, ainda não veio para diversos empresários”, relatou. Teutônia fica cerca de 20 km do rio e tem sido um refúgio para a reconstrução.

## Empresas buscam crédito para reconstruir negócios em cidades mais seguras

Conforme Ivandro, proprietário da Fabricato Pré-Moldados, as empresas estão pleiteando liberação de recursos de crédito do BNDES para quem quer reconstruir as plantas das empresas em outras cidades dentro do Vale do Taquari. “Por enquanto

eles estão liberando apenas se a empresa for reconstruir no mesmo local ou em outro terreno dentro do município em que estava quando ocorreu a enchente, mas queremos que os recursos sejam liberados para quem vai mudar de cidade também”, disse.

Como exemplo dessa situação, ele citou uma fábrica de vinagres que foi atingida por quatro enchentes desde o ano passado e está mudando sua planta de local. A Fabricato está auxiliando de forma voluntária no processo. “Não tem mais

como essa empresa ficar onde estava, são perdas gigantescas”, disse. Ele também citou a Fontana S.A, de produtos de higiene, que, segundo ele, está operando parcialmente em Teutônia para a produção de sabão, enquanto a parte de óleos fica em Encanta-

do, devido à necessidade de tratamento de efluentes. “Não é fácil você mudar de uma hora para a outra. A maioria das empresas quer se reinstalar no Vale, pois é onde estão suas raízes, mas precisam de terrenos mais seguros”, complementou.

## Oderich, no Caí, retoma algumas linhas fabris, mas cenário segue desafiador

Com 115 anos de fundação, a empresa familiar Oderich, com a matriz localizada em São Sebastião do Caí, enfrenta um dos seus maiores desafios: os efeitos das enxurradas de maio. A planta, que já havia tido prejuízo material de R\$ 40 milhões com as enchentes do ano passado, ainda nem conseguiu contabilizar todos os estragos desta vez. A paralisação das operações também está causando problemas. Apesar disso, algumas linhas fabris já foram retomadas.

“Agora, em maio, o Rio Caí subiu quase dois metros a mais, o que representou uma coluna de até quatro metros de água em alguns pontos da indústria. O pre-

juízo material relativo a esta catástrofe de maio e junho, pois fomos atingidos novamente, ainda está em levantamento, mas o valor do prejuízo será maior que antes”, relatou Thomas Oderich, do marketing e relações institucionais da empresa.

Thomas revela que, apesar de algumas linhas de produção já terem sido retomadas, muitas ainda estão aguardando reparo de máquinas e equipamentos.

“As atividades de produção na nossa principal planta ficaram mais de um mês suspensas para sanitização, realização de reparos e readequação de layout que ainda está em andamento, algumas linhas

já conseguimos retomar, outras será necessário reposição de maquinário.” Ele contou também que os escritórios administrativos da empresa, que ficam em

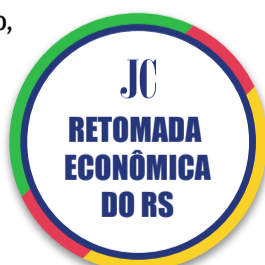
outra localidade da cidade, foram atingidos.

Mesmo as áreas que não foram atingidas por estarem em locais mais elevados da empresa

tiveram o funcionamento comprometido, por conta de danos em estrutura civil e elétrica, geradores, captação de água, caldeiras, painéis eletrônicos, perda de estoque de produto acabado, matéria prima, insumos, rótulos e embalagens.

“Muitos dos nossos fornecedores gaúchos também foram atingidos e outros não tem condição de suprir nossa demanda a curto prazo. Há também o fato de que a maior parte dos equipamentos e peças são importados e a complexidade do conserto e vinda das peças de reposição é morosa”, afirmou.

De acordo com o relações institucionais, a empresa está sofrendo com ruptura de produtos nas gôndolas dos mercados, mas não são todos.



ODERICH/DIVULGAÇÃO/JC

Sede histórica em São Sebastião do Caí foi fortemente atingida pelas cheias